

# Programa da UnB atende 12 mil

O Serviço de Saúde Comunitária da Universidade de Brasília vem realizando desde setembro de 1987 um trabalho pioneiro. Sob a coordenação da professora Maria Darci Siqueira, 12 mil integrantes da comunidade acadêmica, entre funcionários, alunos e professores, recebem tratamento médico através de programas semestrais, depois de levantados os principais problemas que afetam os frequentadores do campus. "Realizamos pesquisas, e a seguir passamos a assistir e orientar a população universitária", explica Darci.

Nesses dois anos de trabalho, já foram detectadas uma série de doenças, que, de acordo com a gravidade, recebem um tratamento específico. Com o apoio da Fundação Hospitalar do Distrito Federal, do Ministério da Saúde, do Hospital Docente As-

sistencial, de outras entidades ligadas à área de Saúde, o programa tem recebido elogios dos assistidos, o que tem servido de estímulo para Darci: "No ano passado, realizamos o primeiro pré-natal, por intermédio do auxílio do HDA. E a filha de um aluno nosso nasceu de parto normal", orgulha-se.

A assistência médica está sendo ampliada para os parentes dos funcionários, professores e alunos. Na medida do possível, o Serviço de Saúde Comunitária pretende expandir o raio de ação. Isso tem sido feito também com a distribuição de panfletos orientativos. No ano passado foram impressos mais de 12.500 exemplares referentes ao câncer, Aids, cárie dental e higiene individual. Locais como o Conjunto Nacional; ParkShopping, Aeroporto, Rodoviária e Escolas da L-2 Norte fa-

zem parte da área abrangida pelo programa.

Os principais problemas encontrados nos frequentadores do campus foram os relacionados à visão, audição, aparelho digestivo e doenças respiratórias e de pressão. Alguns casos necessitaram de imediata intervenção cirúrgica. "Tivemos incidência de hérnias, de cistos e de inflamações uterinas que não puderam ser resolvidas com o tratamento clínico", diz Darci.

Uma doença que tem merecido atenção especial do programa é a Aids. A professora Darci enfatiza a preocupação com a expansão da doença: "Dessa vez elaboramos um prospecto onde o mal é tratado de forma dura. Pode ser que algumas pessoas se choquem, mas é preferível assim do que observarmos o número de casos crescerem de forma alarmante".